

Atena
Editora
2019

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8	79
PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO	
Leonice Rosa da Cunha Abreu	
Zenaide Lima de Sousa	
Elio Ferreira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9261905028	
CAPÍTULO 9	82
RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI	
João Batista Romualdo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9261905029	
CAPÍTULO 10	87
UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES	
Hinara Dias Juca	
Leididaiane Inácio de Sá	
Ana Técia de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.92619050210	
CAPÍTULO 11	95
VIDA E MORTE QUILOMBOLA	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.92619050211	
CAPÍTULO 12	109
LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA	
Sérgio Rodrigues de Souza	
Liliane Rodrigues de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.92619050212	
CAPÍTULO 13	116
VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS	
Cláudio José Araújo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050213	
CAPÍTULO 14	124
CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	
Terezinha Richartz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050214	
CAPÍTULO 15	133
HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA	
Deyse Morgana das Neves Correia	
DOI 10.22533/at.ed.92619050215	

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virilândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosilêa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS

Natalino da Silva de Oliveira

IF Sudeste MG, Muriaé/MG

Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira

UFMG, Muriaé/MG

RESUMO: Defender em Machado de Assis uma estética que se origine e que se apresente com valores periféricos é algo que assombra o meio acadêmico mais tradicional. Assumir que nas obras do autor afrodescendente há parâmetros estilísticos que permitam nomear dentro de seus textos uma Estética pode até mesmo ser considerado um ato de afronta. É exatamente o que este artigo objetiva: ler Machado de Assis a contrapelo, ler como afrodescendente, diaspórico e periférico. O caminho trilhado neste artigo é o de buscar em textos de conceitualização de arte e na literatura machadiana indícios para a defesa de uma modalidade Estética que nasça na periferia e que defenda juízos de valores diferentes daqueles provenientes da elite europeia. A Estética da Dissimulação é uma modalidade que parte desta defesa da periferia enquanto ambiente profícuo para o desenvolvimento de estéticas que ressignifiquem, carnavalizem, reciclem, canibalizem as conceitualizações do denominado “centro”.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis,

Periferia, Estética, Literatura Brasileira.

ABSTRACTS: Defending in Machado de Assis an aesthetic that originates and presents itself with peripheral values is something that haunts the more traditional academic environment. To assume that in the works of the Afrodescendant author there are stylistic parameters that allow naming within his texts an Aesthetic can even be considered an act of affront. And it is exactly what this article aims: to read Machado de Assis against the grain, to read as afrodescendant, diasporic and peripheral. The path taken in this article is to seek in texts of art conceptualization and Machado literature to defend an Aesthetic modality that is born in the periphery and that advocates judgments of values different from those coming from the European elite. The Aesthetics of Dissimulation is a modality that starts from this defense of the periphery as a profitable environment for the development of aesthetics that resignify, carnivalize, recycle, cannibalize the conceptualizations of the so-called “center”.

KEYWORDS: Machado de Assis, Periphery, Aesthetics, Brazilian Literature.

Olá! Negro

Os netos de teus mulatos e de teus
cafuzos
e a quarta e quinta gerações de teu
sangue sofredor

tentarão apagar a tua cor!

E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execranda,
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,
negro-fujão, negro cativo, negro rebelde
negro cabinda, negro congo, negro ioruba,
negro que foste para o algodão de U.S.A.,
para os canaviais do Brasil,
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga
de todos os senhores do mundo;
eu melhor compreendo agora os teus blues
nesta hora triste da raça branca, negro!

Olá, Negro! Olá, Negro!

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!
E és tu que a alegras ainda com os teus jazzes,
com os teus songs, com os teus lundus!
Os poetas, os libertadores, os que derramaram
babosas torrentes de falsa piedade
não compreenderiam que tu ias rir!
E o teu riso, e a tua virgindade e os teus medos e a tua bondade
mudariam a alma branca cansada de todas as ferocidades!

Olá, Negro!

Pai-João, Mãe-Negra, Fulô, Zumbi
que traíste as Sinhás nas Casas-Grandes,
que cantaste para o Sinhô dormir,
que te revoltaste também contra o Sinhô;
quantos séculos há passado
e quantos passarão sobre a tua noite,
sobre as tuas mandingas, sobre os teus medos, sobre tuas alegrias!

Olá, Negro!

Negro que foste para o algodão de U.S.A.
ou que foste para os canaviais do Brasil,
quantas vezes as carapinhas hão de embranquecer
para que os canaviais possam dar mais doçura à alma humana?

Olá, Negro!

Negro, ó antigo proletário sem perdão,
proletário bom,
proletário bom!

Blues,
Jazzes,
songs,
lundus...

Apanhavas com vontade de cantar,
choravas com vontade de sorrir,
com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom,
para o chicote doer menos,
para o dia acabar e negro dormir!

Não basta iluminares hoje as noites dos brancos com teus jazzes,
com tuas danças, com tuas gargalhadas!

Olá, Negro! O dia está nascendo!

O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?

Olá, Negro!

Olá, Negro!

(LIMA, 1958, p.180).

(O poema foi utilizado apenas para retratar a ideia de dissimulação e foi apropriado e interpretado neste livro com um foco irônico (“com vontade de fazer mandinga para o branco ficar bom”). Ainda assim, há que se reconhecer que Jorge de Lima em outros poemas retrata o negro de forma bem distante da defendida neste estudo)

Estes versos ácidos de Jorge de Lima iniciam este capítulo e apresentam, em seus temas, os posicionamentos característicos que este livro defende como *estética da dissimulação*. Primeiramente, há a questão da resistência, pois a *estética da dissimulação* não nasce nos grandes salões. Ela nasce dentro dos navios negreiros, nas senzalas, nos morros cariocas, nos quatinhos; ou seja, sempre nos espaços marginais. Contudo, sua capacidade de penetrar estes lugares é surpreendente, pois dissimuladamente esta expressão estética não é contundente. É por meio de subterfúgios e de posturas controladas que a *estética da dissimulação* domina os espaços que ocupa. Os versos de Jorge de Lima falam de uma cultura que fora mantida entre grilhões para que agonizasse e morresse. Entretanto, os dominantes não conheciam a capacidade desta cultura de silenciosamente apropriar-se dos elementos culturais utilizados pelos dominantes e de os converter, transformar e absorver. A cultura europeia foi constantemente nutrida pela cultura que sofrera e que fora escravizada, assim como as mães negras amamentaram e alimentaram os filhos dos *senhores*. E assim, por meio da simulação e dissimulação, esta cultura segregada se agarrou da forma que pôde e sobreviveu e preparou o negro para novos dias: “O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?” Antes de tentar responder a esta pergunta, este livro se concentrará na reflexão acerca de uma nova conceitualização estética: a *estética da dissimulação*.

O conceito de estética presente na **Crítica da razão prática** (KANT, 1951) leva em consideração a coletividade. Assim, não basta definir o que é belo, é preciso que um grupo de pessoas compartilhe os mesmos modelos de *beleza*. Neste sentido, a arte, o belo, alcança uma dimensão social que passa a ser definida por ideais do grupo, sejam estes ideais políticos, religiosos, etc. Deste modo, o conceito kantiano de estética apresenta alguns determinantes nas definições de arte e de belo, tais como: a) Liberdade (de quem produz o objeto e também do apreciador) e b) Coletividade (o belo deve ser compartilhado).

É principalmente por causa dos determinantes mencionados no parágrafo anterior que surge a incompatibilidade da proposta estética defendida neste livro e as definições de estéticas mais tradicionais. Fica, então, evidente a necessidade de se repensar a respeito do conceito de estética e de seus determinantes básicos. A *estética*

da *dissimulação* origina-se em situações extremas, de necessidade, de luta pela sobrevivência e de manutenção da individualidade, da existência e da subjetividade. Portanto, os indivíduos que comungam das formas de produção e de recepção definidas pela vertente estética adotada pelo presente livro possuem uma liberdade limitada, posto que nem sempre possam fazer uso de suas vozes, já que estamos abordando, na maioria das vezes, pessoas que vivem em situações de subalternidade. Até mesmo o conceito de *coletividade*, elemento imprescindível ao conceito de estética, deverá ser repensado, pois a coletividade seria categorizada ou pelo número de pessoas ou pela representatividade destas no meio social.

Neste livro, portanto, assume-se a expressão *estética da dissimulação* com intenção próxima da que leva o pesquisador Dr. Eduardo de Assis Duarte, inspirador deste livro, a utilizar o conceito de *Poética da dissimulação*. Para discutir o uso da expressão que estimula a reflexão aqui proposta, é necessário definir os pontos de aproximação e distanciamento entre os dois conceitos.

O termo *poética da dissimulação* estaria associado à capacidade dissimuladora expressa por variadas estratégias de Machado de Assis, muitas delas já analisadas por outros pesquisadores de forma isolada ou sem a conexão que estabeleceu o pesquisador Dr. Eduardo de Assis Duarte. É certo que muitos trabalhos críticos sobre Machado de Assis apontam a ironia, o sarcasmo, as litotes, os binarismos e a preterição como recursos de dissimulação habilmente utilizados pelo escritor em seus textos. Porém, a grande contribuição de Duarte está no reconhecimento da relação entre o estilo machadiano e sua afrodescendência, entre a estilística e a ética autoral (o que este livro denomina como *performance autoral*) que os textos machadianos exibem. Poder-se-ia nomear o uso desses recursos como uma *poética* ou também percebê-los como estratégias próprias de uma estética que assumiria os sentidos (e as estratégias) de uma experiência artística de efeitos poderosos alcançados com o uso de determinados recursos como os já assinalados.

O **Dicionário de Estética** (CARCHIA & D'ANGELO, 2003) define o termo *poética* como: "(...) um termo utilizado no século XX sobretudo para evidenciar a importância de uma análise concreta dos produtos literários ou artísticos em geral. Neste sentido, foi usado em contraposição às teorias estéticas de orientação mais filosófica" (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 283). O termo também está associado à ideia de gênio, de genialidade, de talento individual, de uma expressão única e rara: "Um dos princípios fundamentais da determinação moderna da estética é a teoria do gênio, a qual deve ser também inserida no contexto mais global do processo de redescoberta da individualidade do sujeito" (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 111). Porém, a simples ideia do gênio também pode apresentar aspectos generalizantes e excludentes.

Talvez, a utilização do termo tenha sido uma saída utilizada por Duarte com o intuito de abordar a literatura machadiana sem usar o conceito de *estética*. A *estética* enquanto *filosofia do belo* está carregada de categorias que podem ser interpretadas como desgastadas ou limitadas pela própria utilização. Contudo, é prudente reiterar

que o termo *poética* também apresenta suas limitações interpretativas provenientes da solidificação de sua utilização. Nestas condições, a palavra poética “(...) não só tende a ser intérprete das necessidades espirituais e dos movimentos culturais de uma época, como também se revela particularmente sensível às condicionantes do poder e da ideologia dominantes” (CARCHIA & D’ANGELO, 2003, p. 283). O uso de *poética* também pode estar relacionado à intenção de apresentar a literatura de Machado de Assis como algo único. O termo, portanto, também pode ser apresentado como alusivo a elementos da obra de um escritor ou de objetos artísticos de determinado autor.

Sendo assim, neste livro, defendo a utilização do termo *estética* por sua abrangência e por ser muito mais pungente do que as suas próprias limitações. A sua utilização, porém, deve concretizar-se “numa acepção generalizada, indicando a filosofia do belo e da arte independentemente das circunstâncias de tempo e lugar, é uma operação que prescinde da natureza determinadamente histórica do conceito” (CARCHIA & D’ANGELO, 2003, p. 110). Portanto, as utilizações da denominação *estética* neste livro levarão em consideração esta *acepção generalizada* do termo.

Além disso, ao se estudar a história da disciplina Estética percebe-se que sua concepção é fruto de uma necessidade de afastar o estudo do belo do campo dogmático: “A estética nasce, precisamente, a partir do momento em que a crítica do ‘gosto’, ou seja, a reflexão sobre as condições que permitem avaliar algo como sendo belo, substitui qualquer dogmática ou doutrina metafísica do belo” (CARCHIA & D’ANGELO, 2003, p. 110). Assim, observando esta caracterização da disciplina, é possível encontrar bases para a defesa de uma *estética dissimuladora*, antidogmática que fuja de delimitações europeizantes, até mesmo pelo fato de o conceito absorver contribuições de cada época. Após a perda da aura e das poéticas dogmáticas, a Estética acabou sofrendo críticas desestruturantes e adquiriu novos significados que circulam livremente pelo campo da arte e da literatura, como se mostrará em outro momento.

O fenômeno de perda da aura, apresentado por Benjamin, propicia novas possibilidades de pensar a respeito da estética. O valor intrínseco e imutável da obra de arte passa a ser questionado e as crises do conceito de estética tornam-se importantes para a dilatação do sentido antigo do termo e de suas possibilidades de aplicação. Pensar na *estética* como um conceito capaz de abordar a literatura machadiana pelo aspecto da *dissimulação* e pelo viés político dos *Estudos da Subalternidade* seria impensável em contextos anteriores. Conforme apontam Carchia & D’Angelo:

Para Walter Benjamin, a perda da aura que a arte sofre na moderna sociedade de massas desloca o seu centro de gravidade da dimensão do “culto” e do “ritual” para a dimensão da prática “política”. Nesta passagem, a estética intervém a dois níveis: adquirindo um carácter político, acentuando, portanto, a sua função crítica em relação aos poderes estabelecidos mesmo não tendo intenções programáticas específicas; ou então, fazendo com que a política renuncie às suas prerrogativas críticas e amplie as formas de “exposição” do poder até se tornar pressuposto indispensável aos mecanismos que, historicamente, deram vida a fenômenos

Ainda assim, após a perda da aura, assumir a postura de apropriar-se do termo *Estética* é no mínimo uma tarefa arriscada. O nome já está carregado de elementos definidores que o caracterizam como uma conceitualização que somente se aplica às expressões artísticas europeias. Porém, utilizar a mesma denominação é uma estratégia que permite apropriar-se do conceito dilatando sua abrangência. Afinal, utilizar outro nome poderia mudar a coisa significada? E, utilizar o mesmo termo para um objeto que antes não entraria no âmbito do estético poderia deturpar o conceito?

Toda *estética* que pretende considerar-se enquanto disciplina apresenta suas categorizações e instâncias que limitam os seus campos de estudo. Todavia “a beleza não é uma objetividade com maiores garantias nem dada antecipadamente, e também não é uma perfeição baseada em cânones pré-construídos” (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 111). A *subjetividade estética* talvez seja um dos elementos que mais dificultem sua estruturação enquanto conceito. Segundo Agamben:

O mundo do feliz e do infeliz, o mundo do bom e do malvado contêm os mesmos estados de coisas, são, quanto ao ser-assim, perfeitamente idênticos. O justo não vive noutro mundo. O eleito e o condenado tem os mesmos membros. O corpo glorioso só pode ser o próprio corpo mortal. O que muda não são as coisas, mas os seus limites. É como se sobre elas estivesse agora suspensa qualquer coisa como uma auréola, uma glória (AGAMBEN, 1993, p. 73).

Deste modo, a *estética da dissimulação* não difere muito de *outras estéticas* tanto na apresentação dos elementos que categorizam uma *estética* quanto pelos limites postos pela ideologia presente. Contudo, ela também apresenta um critério de *valor estético*, aspectos que definam um *objeto estético*, uma definição de *cânone*. Enfim, os nomes são os mesmos, a terminologia é a mesma, porém o lugar de enunciação é diferente. E partindo desta premissa, todos os elementos e suas delimitações acabam sofrendo alterações. Por isso, serão apresentadas as categorizações e os aspectos do significado que estão relacionados com as ideias defendidas neste trabalho sobre valor estético, objeto estético, cânone.

Considera-se que o valor de um objeto não é um atributo presente na dimensão material, na condição física do objeto, pois há sempre uma “variabilidade dos gostos e das escalas de valor utilizadas nas diferentes épocas e por diferentes orientações críticas” (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 61). O conteúdo valorizado é um corpo sutil, incorpóreo, algo que se faz presença sem se materializar. Por isso, este elemento sutil está carregado de subjetividade, mas de uma subjetividade controlada, limitada pelo *mainstream* cultural e por forças que fogem do âmbito estético (forças econômicas ou políticas). Carchia & D'Angelo afirmam que:

(...) Geralmente, o objecto estético é o referente da experiência e da percepção estética e deve ser entendido quer como produto da arte, quer como objecto

comum ou fenômeno natural, simplesmente abordado na perspectiva estética. Deste modo, o objecto estético fica isolado do contexto que o rodeia, abstraído de outras modalidades possíveis de juízo e reconduzido a um único ponto de vista, o da estética, que pode mudar significativamente o seu estatuto como acontece nas correntes de arte figurativa do século XX que trabalham com objectos de uso comum, não destinados *a priori* à fruição estética (...) (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 260).

Neste livro, em momentos de discussão do conceito de cânone, optou-se por utilizar o termo canonizado para apresentar uma crítica à ideia de cânone como algo de *valor estético* cristalizado. Porém, é possível utilizar a palavra cânone apropriando-se de sua significação menos tradicional. Isto se dá, porque “o cânone não tem bases estéticas, mas sim ideológicas (...)” (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 61). Contudo, é necessário refletir que todo e qualquer *cânone* ou reconhecimento de valor possui um critério ideológico. O **Dicionário de Estética** de Gianni Carchia e Paolo D'angelo apresenta os seguintes significados para a palavra cânone:

1) Na estética antiga, medieval e renascentista, chama-se cânone à norma ou regra que prescreve determinadas medidas e proporções (...). 2) Em filologia, fala-se de cânone para indicar um *corpus* de obras reconhecidas como autênticas. 3) (...) cânone entendido como o conjunto das obras (literárias, artísticas) a que determinada tradição reconhece um valor particular (...). (...) o cânone não tem bases estéticas, mas sim ideológicas (...) (CARCHIA & D'ANGELO, 2003, p. 60).

Sendo assim, é possível enquadrar qualquer livro dentro da terminologia do canônico, sem a necessidade do *politicamente correto* “canonizado”, em todas as conceitualizações apresentadas anteriormente. Como qualquer *poética* ou *estilo* apresenta uma estrutura particular; como algo autêntico ou como conjunto de obras de reconhecido valor.

O valor e as categorias constituintes da disciplina estética, nomeados neste livro, apresentam uma condição variável, efêmera. A estética antidogmática funda-se na provisoriade de seu elemento. Já a *estética da dissimulação* configura-se como uma estética antidogmática e por isso, já forçaria o conceito de cânone a assumir a característica intrínseca da transitoriedade, da hibridez, da efemeridade.

Ao pensar em *estética*, defende-se que as *estratégias* dissimuladoras não estão concentradas apenas na literatura de Machado de Assis. Nesse sentido, o próprio título deste livro, **A estética da dissimulação na literatura de Machado de Assis**, não parte da premissa de um nascimento da *estética dissimuladora* com o advento da literatura machadiana. Antes deste estudo, foram escritos outros em que se abordaram os mesmos recursos constituintes da *estética da dissimulação* em outras obras literárias, defendendo sua pertinência como o fiz em **Simulação e/ou dissimulação: reflexão sobre a estética em Memórias póstumas de Brás Cubas e As visitas do Dr. Valdez** (2012).

No primeiro artigo deste estudo, há uma análise dos romances **Memórias**

póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis e **As visitas do Dr. Valdez** de João Paulo Borges Coelho com a distinção entre o que seria a *simulação* e a *dissimulação* comparando as personagens Prudêncio de Machado de Assis e Vicente de Coelho. No segundo, há a abordagem do romance **Boquitas pintadas** de Manuel Puig, tentando demonstrar os *processos dissimuladores* desenvolvidos pelo autor na intenção de aproximar *cultura popular* e *cultura letrada* relacionando as canções de tango e a literatura.

A *estética da dissimulação*, portanto, não se encontra presa aos objetos ditos estéticos, ela também se faz presente enquanto estética da existência em vivências performáticas, nos posicionamentos, nas posturas corporais, no pacto social, na História e nos testemunhos e nas máscaras utilizadas para simular e dissimular. Por isso, o termo poética limitaria as incursões feitas por esta pesquisa. Proponho neste livro uma *estética da dissimulação na literatura de Machado de Assis* filiada às discussões apontadas pelo trabalho de Eduardo Duarte. Apesar de o caminho percorrido no presente volume ser outro, ele possui o mesmo teor político do trabalho de Eduardo Duarte.

A proposta de uma estética da dissimulação, em minhas reflexões iniciais, estava relacionada às imagens propagadas que tentavam retratar a situação dos negros trazidos na condição de escravizados para o Brasil. Porém, o objeto de estudo deste estudo exigia maior complexidade reflexiva, pois não se trata somente de indivíduos escravizados e sim de indivíduos que por algum motivo são impedidos ou limitados no uso de suas próprias vozes. Como exemplo, é possível mencionar os livros de Machado de Assis. Em situações encenadas nos trechos dos romances selecionados estão presentes outros episódios de subalternidade e não só aquele entre senhor e escravizado. Há a presença de outros indivíduos em situação de dependência – os que formam a grande massa de agregados (pobres, mulheres, filhos bastardos, etc.). Neste contexto de definição do belo, cabe pensar como se comportaria a *estética da dissimulação*, apresentando-se como uma variante estética marginal. Ela possui uma coletividade que compartilha dos mesmos ideais, que possui o mesmo modelo, porém, este contingente não possui voz. É justamente nesta aparente impossibilidade de ocorrer que as pressões externas impelem que a criatividade produza alternativas para driblar os controles impostos. A liberdade que não existe no meio social encontra uma possibilidade no artístico, ainda que dissimulado.

Portanto, a formulação do conceito de estética, aqui defendido, certamente retoma a elementos apresentados nas propostas estéticas tradicionais, contudo apresenta-se como uma expressão transgressora. É assim que o conceito de *estética da dissimulação* vai ao encontro (no sentido em que encontra um aliado e o complementa) do conceito de *reciclagem cultural* empreendido por Klucinskaskas e Moser (2007).

A abordagem da reciclagem artístico-cultural aqui almejada leva em consideração alguns aspectos no campo de análise crítica concernente aos romances de Machado de Assis e coloca em evidência a dimensão recicladora de ressignificação de elementos

estilísticos e temáticos canonizados e de matriz europeia na construção literária do autor brasileiro. Já no campo teórico, esta pesquisa se apropria de estratégias de revalorização (Refere-se à alteração de critérios de valores), de montagem e de sampling (Sampling é uma técnica desenvolvida a partir de novas tecnologias digitais que permite utilizar uma base de qualquer música para criar uma nova. Os elementos da música anterior são mantidos e novos elementos são acrescentados gerando alterações que em alguns casos provocam uma mudança tão radical que a nova música acaba fazendo apenas uma alusão à primeira. Desta forma, aproprio-me do termo tal como fez Klucinskas & Moser, para pensar na estética) da teoria estética tradicional.

Relacionando a perspectiva da *reciclagem cultural* com a questão do vazio do objeto artístico defendida em parágrafos anteriores, surge o performático presente tanto na produção quanto na recepção crítica da arte. Em Machado de Assis, buscar-se-á trabalhar com a performance de negritude: a afrodescendência do autor. A performance defendida neste livro é composta por traços, gestos, idiossincrasias que estão apresentadas no corpo do texto e que acabam representando o corpo do autor. São links, sinapses do texto literário e do escritor ao escrever representando a ligação nada simples entre literatura e vida com a forma de hipertextos. O desenvolvimento da tese de uma performance de negritude está relacionado com a performance autoral, com a função autor e com a *terceira voz* presente em seus romances. Ao trabalhar com estes termos, buscarei demonstrar que há uma coerência entre produção artística e posicionamento político por parte do autor. Coerência que denomino performance autoral ou função autor. Contudo, não se deve confundir esta função autoral como uma forma de biografismo, não é relacionar vida e produção artística puramente. A relação que estabeleço é entre discurso artístico e discurso político.

A performance pode ser encontrada em recursos textuais que permitem que se ouça a voz do autor em expressão (tom ou atitude). Afinal, quem está falando em determinada passagem, principalmente nas mais emblemáticas? Narrador, personagem, autor? Depois da morte do autor proposta por Barthes, não se almeja aqui buscar a voz autoral como se fosse uma leitura autobiográfica dos textos literários.

O *verdadeiro* Machado de Assis, sua subjetividade, jamais será encontrado, escancarado em seus textos. Ele se encontra submerso sob seus disfarces, *o mais encolhido dos caramujos*. Em seus textos, nem mesmo as suas personagens são conhecidas em profundidade pelo leitor. Suas personagens são *personas*, pessoas de papel, por isso são tão complexas. E esta complexidade afasta os que leem de suas intimidades, pois elas também atuam no grande palco da existência.

A terceira voz (que este livro objetiva encontrar) apresentada em seus romances não é a voz autoral (da pessoa do autor), mas sim a voz do autor-função que representa muito mais do que só uma personalidade. Esta função está marcada pelo local ocupado (enunciação), modo em que vive, recepção dos textos e sensibilidade dos leitores. Esta sim é possível ser buscada na rede estrutural e na semântica da

escrita.

Trabalhando com vozes é possível verificar que a denominada polifonia bakhtiniana é presença marcante nos romances. Porém, estas vozes estão quase sempre em desigualdade de manifestação. Desta forma, elas lutam, algumas são anuladas, chocam-se, encontram-se, algumas sobressaem. Sendo assim, é necessário levar em consideração que a presença de várias vozes não necessariamente significa espaço, ocorrência e peso igual para todas. O estudo aprofundado da literatura machadiana propiciou a verificação prática desta realidade, principalmente observada em seus romances pelo controle maior estabelecido pela recepção da *obra* machadiana e pela própria sociedade perante as funções prestigiosas que o autor ocupava. É preciso reconhecer que há um impulso realista nos textos do bruxo do Cosme Velho. Portanto, ele não poderia, de forma romântica, criar personagens subalternos fazendo uso da voz de modo similar ao dos representantes da elite.

Estas vozes não conseguiriam sobreviver se não fosse o desejo íntimo dos sujeitos que tiveram podados seus direitos de existir. A arte, nestes momentos, passa a assumir a trágica função de *estética da existência* propiciando para os subalternos uma alternativa: fazer de suas vidas uma expressão artística, uma performance da sobrevivência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Presença, 1993.

ASSIS, J. M. (2008). **Obra completa em quatro volumes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

CARCHIA, Gianni & D' Angelo, Paolo. **Dicionário de estética**. Lisboa: EDIÇÕES 70, LDA, 2009.

COELHO, João Paulo Borges. **As visitas do Dr. Valdez**. Lisboa: Caminho, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica do juízo**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Crítica de la razón práctica**. Buenos Aires: Ateneo, 1951, 192 p.

LIMA, Jorge de. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958, vol. 1.

OLIVEIRA, Natalino da Silva de. Simulação e/ou dissimulação: reflexão sobre a estética em Memórias póstumas de Brás Cubas e As visitas do Dr. Valdez. In: **Scripta**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 16, n. 31. 2012, p. 119-138.

PUIG, M. (2012). **Boquitas Pintadas**. Buenos Aires: Booket.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

